



ISSN: 2230-9926

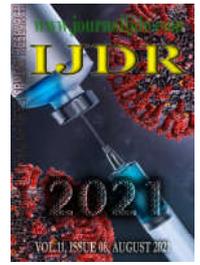
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 08, pp. 49672-49675, August, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.22630.08.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

O DESEJO NA VELHICE SOB A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE

*¹Gabriela Moura Otaviano de Souza Suassuna and ²Cirlene Francisca Sales da Silva

¹Especialista em Gerontologia do Curso de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP/PE; Vice-presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa Idosa/PE; ²Profa. Dra. em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e graduação em Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP/PE, coordenadora da Especialização em Gerontologia (UNICAP)

ARTICLE INFO

Article History:

Received 06th May, 2021
Received in revised form
21th June, 2021
Accepted 03rd July, 2021
Published online 29th August, 2021

Key Words:

Idoso, Desejo, Velhice,
Psicanálise, Clínica.

*Corresponding author:

Gabriela Moura Otaviano de Souza Suassuna,

ABSTRACT

O presente capítulo tem como objetivo geral, realizar uma investigação teórica acerca do desejo na velhice, sob a perspectiva psicanalítica. Por meio desse estudo, pretende-se centrar-se em alguns conceitos específicos da psicanálise que estão atrelados ao tema, tais como: inconsciente, desejo e sujeito. Mais especificamente, pontuar o que a literatura vigente fala sobre o trabalho da psicanálise e a prática clínica com idosos. Para tanto, este estudo foi realizado por meio de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa, de cunho descritivo e exploratório. O levantamento bibliográfico contou com publicações encontradas nos seguintes sites de pesquisas: *BVS* - Biblioteca Virtual em Saúde; *SciELO* - Scientific Library Electronic; *PePSIC* - Periódicos Eletrônicos em Psicologia; *Scholar Google*; *Lilacs*. Como também, se utilizou publicações de autores contemporâneos aos clássicos, dos quais 70% extraídos do Sistema Online, tais como artigos de periódicos, dissertações, teses e livros em versão digital, no período de 2016 a 2021. Os resultados apontam que, os profissionais que cuidam das pessoas idosas precisam estar atentos para a importância de um trabalho multidisciplinar, integrado e flexível. Para além, devem despir-se de quaisquer preconceitos e, afinar a escuta, para perceber as necessidades reais e simbólicas da pessoa idosa.

Copyright © 2021, Gabriela Moura Otaviano de Souza Suassuna and Cirlene Francisca Sales da Silva. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Gabriela Moura Otaviano de Souza Suassuna and Cirlene Francisca Sales da Silva. 2021. "O desejo na velhice sob a perspectiva da psicanálise", *International Journal of Development Research*, 11, (09), 49672-49675.

INTRODUCTION

O envelhecimento populacional é um fato indiscutível e vem ocorrendo de modo acelerado principalmente nos países em desenvolvimento. O relatório da Organização Mundial de Saúde, *The World Population Prospects* (2019), sinaliza o rápido envelhecimento da população mundial, afirmando que até o ano de 2050, uma a cada seis pessoas terá mais de 65 anos, o que representará 16% da população global. A preocupação com o envelhecimento e o respectivo cuidado com a pessoa de 60 anos e mais, está trazendo algumas modificações no desenvolvimento de recursos e habilidades das sociedades. O Brasil está caminhando rapidamente para o envelhecimento de sua população. O IBGE estima que o número de pessoas com 65 anos ou mais, triplique até 2060, equivalendo a 25,5% da população (2018). Enquanto sociedade que caminha para a pós-modernidade, ao se tratar dessa temática da velhice, parece que o ser humano prefere talvez por uma forma de defesa e preconceitos, não enxergar o processo de envelhecimento que se apresenta logo à sua frente. Mesmo em um momento em que a velhice ganha novos formatos em diferentes esferas sociais, na ciência através na Geriatria e Gerontologia, no mercado com diversos produtos e serviços, o

estado de direito com o estatuto e as leis, mesmo diante desse cenário, ainda existe, o que Rosa e Vihena (2016) chamam de cegueira por parte da maioria da população quando o assunto é a velhice, velhos e suas subjetividades. A velhice não pode e não deve ser definida por um único processo. Esse processo se constitui a partir de como o sujeito se percebe no mundo, nas suas relações e como também é percebido pelo outro. Constituído-se de forma única e singular, a partir da história de vida, da disponibilidade de suporte afetivo, dos valores pessoais, das relações sociais e estilo de vida vivenciado por cada um. Segundo Goldfarb (1997), não existe "a velhice", e sim as velhices. Se tornar idoso na sociedade atual, é deparar-se com as mais diversas formas de desamparo. Hoje, o que se valoriza é a juventude, o corpo, a inovação, seguindo por essa lógica, o que é velho vai perdendo espaço. (MUCIDA, 2004). Falar de velhice, não pode e não deve ser apenas para quem já é velho, a sociedade precisa ter um novo olhar sobre essa faixa etária, pois, o jovem de hoje, será o idoso de amanhã.

O envelhecimento global, em todo o Ocidente, é um aspecto da vida, no século XXI, tão importante quanto o aquecimento do planeta". (NOVOS VELHOS /LÊA MARIA REIS /GRUPO EDITORIAL RECORD/EDITORA RECORD)

Assim, o presente artigo tem como objetivo a investigação teórica sobre o desejo, com um viés psicanalítico, no âmbito da velhice. Através desse foco de estudo, iremos nos aprofundar em alguns conceitos específicos da psicanálise que estão atrelados ao tema, tais como inconsciente, desejo e sujeito. Mais especificamente: pontuar o que a literatura vigente fala sobre o trabalho da psicanálise e a prática clínica com idosos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado por meio de uma revisão de literatura, com abordagem qualitativa, de cunho descritivo e exploratório. A revisão foi feita com base nas palavras-chave: idoso, desejo, velhice, psicanálise, clínica. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de publicações encontradas no site de pesquisa: *BVS* - Biblioteca Virtual em Saúde; *SciELO* - Scientific Library Electronic; *PePSIC* - Periódicos Eletrônicos em Psicologia; *Scholar Google*; *Lilacs*; Partimos das publicações de autores contemporâneos aos clássicos, dos quais 70% extraídos do Sistema Online, tais como artigos, revistas científicas, dissertações, teses e livros em versão digital, no período de 2016 a 2021; e o restante do material foi coletado de livros clássicos. A pesquisa foi iniciada em fevereiro de 2021 e finalizada em julho de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O envelhecer na contemporaneidade: Alguns estudos mostram que a história da velhice se modifica de acordo com diferentes culturas e períodos de tempos, sendo assim, um efeito do discurso de cada época. Conforme Mucida (2017) se em algumas culturas e histórias, com outros formatos de organização social, o suposto saber da experiência era um traço de identificação com o idoso, situando-o em um certo lugar social, hoje o suposto saber encontra-se fora de qualquer lugar social: nas faces diversas e irreconhecíveis do Outro, que diz como deve se envelhecer, ou em grande parte, dita as regras do não envelhecer. No dicionário português, velhice é estado ou condição de velho. Para a autora Beauvoir (2018), a velhice é uma etapa da vida que envolve múltiplos processos, pois além de ser um fator biológico, é também um fator cultural. O envelhecimento é compreendido como um processo dinâmico, complexo e idiossincrático, por isso que as pessoas envelhecem de uma maneira singular. Por esse motivo a importância de se estudar a velhice através de diversos olhares e saberes, mas que é sabido que existem diversos preconceitos acerca dessa fase da vida. Esses preconceitos estão em todas as partes, arraigados dentro de cada sujeito, se mostrando nas atitudes diárias, como a exclusão social, o apagamento subjetivo, a falta de interesse pela história do outro, e o medo do contato com a velhice devido à sua vinculação estreita com a figura da morte. (ROSA; VIHENA, 2016). Para Verdon (2013), o processo de envelhecimento tem raízes em todas as fases da vida: infância, adolescência e vida adulta. Perdas, faltas, frustrações renúncias, marcas da clínica do envelhecimento, são vivências que acompanham o sujeito desde o início, trazendo à tona experiências primitivas que fazem com que ele se motive a ir atrás de novas formas de satisfação.

O sujeito que envelhece pode ter capacidade para lidar com as faltas ou usar de defesas como a negação e a idealização para proteger-se da angústia. Assim, o trabalho psíquico que acontece no processo de envelhecimento não diz respeito só as condições sociais da velhice, faz eco com experiências psíquicas complexas que estruturam a psique de forma nodal. Desta forma, Verdon (2013) reforça que envelhecer é um processo totalmente subjetivo, singular e dinâmico, sendo marcado pela inquietude que problematiza o encontro, dentro de cada um, da realidade externa com a realidade psíquica. Diante das marcas físicas e simbólicas da passagem do tempo, o sujeito se vê diante de confrontos sobre uma nova realidade, porém, de certo modo, uma realidade com uma nova atualização que não se separa, de forma alguma, dos conflitos psíquicos que conduziram a vida até aquele momento. Rosa e Vihena (2016) destacam que em grande maioria, o envelhecimento aparece mais claramente para os outros do

que para o próprio sujeito que envelhece. É evidenciado que o processo de envelhecimento traz consigo diversas limitações, as quais vão se agravando com o passar dos anos, sobretudo com o prolongamento da vida. Mas, faz-se necessário também resgatar as potencialidades singulares e distintas, como a experiência adquirida através das vivências ao longo do tempo, as habilidades conquistadas. Nesse sentido, Hervy (2001) defende que o processo de envelhecimento impõe uma decisão frente as escolhas a serem tomadas diante desse acontecimento, e cada sujeito responderá a partir de sua capacidade de reserva em todas as dimensões, seja biológica, psicológica e sociais. Transformar esse processo, em uma passagem mais leve e acolhedora, dependerá dessas possíveis reservas. Segundo Mucida (2017), não é possível se separar do passado, das experiências vividas, como se separa de objetos que não se tem mais valor afetivo, que não serve mais. A autora defende que a história de cada sujeito, deveria ter o mesmo valor que objetos, podendo essa história ser inserida no campo social, como algo de valor. Mas ao invés disso, a experiência tende a ser anulada com a globalização em desfavor ao novo. Com isso, só resta a pessoa idosa um caminho, acreditar no que o constitui como sujeito, buscando fazer novas reinscrições a partir do que o tira da inércia, do que o move enquanto sujeito desejante. É nessa aposta que a psicanálise, pode ater-se a esse tão velho novo sintoma, a velhice, dando a ele novos formatos, apostando cada vez mais no sujeito em detrimento do universal.

O desejo, a psicanálise e o velho: A personalidade define a unidade de cada pessoa. A psicanálise diz que o ser humano não é uma unidade e sim, um ser de linguagem. Porque o corpo é apreendido no universo simbólico e ele só vai saber de si através do outro. O sentido em que Freud atribui no campo da psicanálise ao termo inconsciente, ele exemplifica bem em um dos seus textos. Segundo Freud (1912), o inconsciente é denominado não apenas por representações que estão latentes no geral, porém, sobretudo as ideias com um caráter dinâmico específico. São pensamentos que apesar de suas intensidades e formas de funcionamento, se mantêm afastadas da consciência. O sujeito para a psicanálise é do inconsciente, do desejo. O que fundamenta o inconsciente é um mecanismo de defesa chamado de recalque, onde o sujeito não lembra o que foi recalçado. É esquecendo o meu desejo que eu vou acabar o meu conflito. É um esquecimento voluntário inconsciente a partir de uma ideia que eu precisei recalcar por causa do conflito entre o meu desejo e a censura. A partir da teoria e da prática analítica, o desejo passou a constituir a marca da singularidade em cada sujeito. Temos que fazer uma diferenciação entre desejo e necessidade. Enquanto necessidade é um conceito biológico, natural, instintivo onde vamos em busca de objetos específicos como água, comida, etc., o desejo é de ordem psíquica, pertencendo a ordem simbólica onde no desejo vamos em busca da fantasia (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Em “O inconsciente” (1915), Freud afirma:

Os processos inconscientes são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência com o tempo.” (FREUD, 1915, p.214)

Dando continuidade à vida psíquica, não podemos falar de inconsciente sem que falemos em desejo. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), Lacan diz que o desejo vem a partir da diferença entre a demanda e a necessidade. A demanda tem uma formação e é dirigida a um outro e a necessidade visa um objeto específico e a satisfação com esse objeto. Segundo Freud (1912) os humanos se orientam pela ordem pulsional e desejante. Essa força pulsional caracteriza-se por uma energia que mobiliza o psiquismo para a satisfação dos desejos/gozo. Para Freud, o desejo é o que põe em movimento o aparelho psíquico e o orienta segundo a percepção do agradável e desagradável. O desejo realiza-se no sentido de querer mais, como uma compulsão negociável. Lacan exemplifica o desejo do sujeito sendo sempre o desejo de um outro desejo, ou seja, o desejo humano é algo sempre adiado e é onde ele se mantém, na sua insatisfação, naquilo que jamais será preenchido e por isso o faz

sofrer, mas também o impulsiona para buscar realização ou uma parte de satisfação (LACAN, 1957).

O desejo é causado pelo eterno encontro com a falta. Por isso, diz Kaufmann:

O homem deseja, porque a satisfação de suas necessidades vitais passa pelo apelo dirigido a um Outro, o que de imediato altera a satisfação, transformada assim em demanda de amor. (1996, p. 118)

Em todo discurso do sujeito, na fala existe uma demanda de amor, no sentido, de que o Outro compreenda ou ao menos possa escutar o que se quer dizer. Porém nunca haverá uma resposta adequada do Outro capaz de satisfazer a demanda. No entanto, esta demanda aparece como se fosse possível de ser satisfeita, mas se houvesse essa satisfação, o desejo estaria abolido (RIBEIRO, 2003). O sujeito para a psicanálise é um ser pensante, porém é o pensamento inconsciente, sujeito da razão inconsciente. Freud lança um conceito de representação, sendo este uma construção que dá sentido ao mundo e ao próprio sujeito, atribuindo-lhes significações diversas, sem que nenhuma seja apontada como a verdadeira. O sujeito para a psicanálise não é, portanto, idêntico a si e pode tornar-se sempre outro na medida em que, a representação não é vista como a representação do mundo e o lugar da verdade. Pensar não equivale a ser, pois posso ser onde não penso, e o fato de pensar não o assegura que eu seja. A verdade está no desejo inconsciente. De acordo com Mucida (2017) Freud foi categórico ao escrever que a psicanálise deve responder às questões advindas do mal-estar da cultura em cada momento da história, e envelhecer em um mundo onde a regra é existir diante de tudo que for novo, tornou-se uma atual forma de mal-estar na cultura. A psicanálise tem demonstrado pouca relevância sobre o trabalho de análise com pessoas idosas, seja por considerar um idoso como uma pessoa adulta, seja pela herança decorrente de Freud, pois ele defendia de que na velhice, as defesas do sujeito já estariam arraigadas, sem haver tempo suficiente para transformá-las em mudanças subjetivas. É importante frisar que, nos tempos de hoje, a velhice não se inscreve no mesmo formato que na época de Freud. Em todo caso, como o inconsciente é atemporal, o sujeito do inconsciente não envelhece, não há em cena outro sujeito, ainda que haja significativas mudanças no corpo, traços e inscrições do tempo. (MUCIDA, 2017)

A clínica da velhice: O olhar da psicologia no estudo do envelhecimento, aborda a saúde psíquica do sujeito que envelhece, integrando diversos saberes como a psicanálise, psicologia e a neurociência. A experiência clínica, contudo, mostra cada vez mais que as pessoas idosas de diversas faixas etárias se beneficiam com o auxílio desses profissionais. Alguns autores defendem o dispositivo analítico, pela via da transferência, como uma ferramenta para lidar com o sofrimento de novas feridas, ajudando o sujeito a quebrar a barreira da solidão, abrindo portas para novos laços afetivos e sociais. (MUCIDA, 2004). No mundo atual, é indiscutível a existência de preconceitos e ignorância em relação ao processo de envelhecimento, e também como tão bem coloca Cherix (2015), uma certa miopia em enxergar um sujeito desejante em um corpo com as fragilidades da velhice. Nesse contexto, o sujeito envelhecido, além de precisar lidar com o preconceito que lhe é atribuído pela idade, enfrentar perdas reais e simbólicas, a pessoa idosa precisa encontrar meios psíquicos para conseguir superar o estranhamento e o pavor diante desse corpo que não é mais o mesmo, que perde sua funcionalidade, seu poder de ação sobre o mundo. Segundo Viorst (1988), as perdas são inúmeras, não apenas se tratando da morte, mas também é preciso falar sobre o abandono, não apenas o ser abandonado, mas também o abandonar, por deixar coisas para trás e seguir o curso da vida. Essas perdas, não são apenas separações ou despedidas de seres amados, mas perdas de sonhos, expectativas impossíveis e a perda do eu da juventude. O que vai se perdendo ao longo da vida, de alguma forma é importante recuperar via simbolização, para iniciar uma nova etapa de reinvenção como sujeito que se coloca no mundo, relançando o próprio desejo em lugares menos áridos e mais frutíferos, (ROSA; VIHENA, 2016). Reintegrar o velho à sua história, envelhecer pode

ser uma possibilidade de existir. Nesse sentido, está cada vez mais claro a importância da psicanálise como tratamento do real que a velhice tantas vezes acessa (MUCIDA, 2017). A velhice não deve ser apenas vivida, ela deve ser falada e acima de tudo, escutada. A importância da oferta do dispositivo analítico para as pessoas idosas que estão em sofrimento e desejam construir um saber sobre esse processo tão doloroso. Em sua grande maioria, o sujeito percebe-se velho quando passa a ter que elaborar as perdas inerentes ao processo de envelhecimento, assim como as mudanças significativas no corpo, passando por uma fase do espelho negativo. (GOLDFARB, 1997). O corpo que sempre teve uma imagem familiar ao sujeito, passa a ter outro registro, tornando-se ameaçador e estranho. Frequentemente, o que marca o envelhecimento é um desequilíbrio, uma ruptura entre as aquisições e as perdas.

Em *Corpo e Envelhecimento*, a autora Goldfarb afirma que:

A antecipação do envelhecimento encontra seu reflexo no espelho sob a forma de um eu de feiúra que é rejeitado (“esse não sou eu”) e que pode se manifestar desde uma simples estranheza até um verdadeiro horror. Ou seja, instala-se uma tensão entre o Eu Ideal e o Eu que deve ser regulada pelo Ideal do Eu que, como instância representante do social e seus discursos pode não estar outorgando ao sujeito que envelhece um lugar de sujeito desejado. (GOLDFARB, 1997, p. 36).

O envelhecimento traz a consciência de finitude, junto a limitações corporais profundas que colocam um sentimento de “desagregação” no ser que envelhece. A identidade pode sofrer desequilíbrio através das mudanças físicas e psíquicas e, em casos mais graves, precipitar demências. A autoestima pode ser abalada pelas mudanças e dificuldades adaptativas e o investimento de prazer no corpo passa a ser secundário ou inexistente. A atenção ao corpo só existe quando ele dói. Rosa e Vihena (2016) colocam que esse assunto é algo que carregamos dentro de nós, adormecido, e que a qualquer instante estará pronto para eclodir. Por isso a estranheza, ver o que se tanto temia, se tornando real.

De acordo com Mucida (2017), na velhice o real da castração está imposto, uma vez que as perdas, não somente as que estão relacionadas ao corpo, remetem ao sujeito a fase do espelho, porém um espelho esfacelado, pois, se durante a infância essa fase é remetida a uma imagem totalizante, na velhice a pessoa idosa se depara com um corpo despedaçado, em fragmentos, um corpo voltado para a morte. É comum ouvir pessoas com 60 anos ou mais dizerem que não são velhos ou não se sentem velhos. Esta resistência de identificação do sujeito como velho ou idoso é compreensível, pois a sociedade é idadista, cada vez mais aumenta o preconceito contra os velhos e valoriza-se a juventude, o culto ao corpo e ao poder de consumo, tentando sempre esconder as marcas da passagem do tempo. É frequente escutar idosos se queixando de que gostariam de realizar coisas que o corpo não permite mais. Também é comum ver famílias limitando atividades, sejam elas de rotina ou não, por ele já está velho ou por seu corpo estra fragilizado. (CHERIX, 2015) A velhice e a perda de funcionalidade do corpo são esperadas, porém quando surgem, quando se concretizam, são sentidas com estranheza, surpreendendo o sujeito de forma muitas vezes aterrorizantes e repentinas. Segundo Rosa e Vihena (2016), a perda da integridade corporal pode ser vista como uma morte simbólica e subjetiva.

O idoso tem vontade de sentir contato físico quanto os jovens e adultos e continua expressando sua sexualidade até o final da vida, mas para o social, o corpo envelhecido não teria mais interesse como objeto de investimento. Cherix (2015) reforça que na velhice há sempre dilema do corpo temporal com um inconsciente atemporal. Na velhice, quando a relação entre o tempo vivido e o tempo futuro é menor, as sensações de declínio físico, ansiedade, impotência, tristeza e depressão se intensificam. Nesse momento, é preciso que as perdas e os ganhos sejam relativizados e ressignificados. Elaborando-se as perdas, ajustando-se às novas realidades e reposicionando-se emocionalmente perante a vida. Assim, faz-se essencial que o sujeito encontre novos formatos de inscrever e dar uma nova roupagem ao

desejo. (MUCIDA, 2017) Quando o sujeito se depara na velhice avançada, a preocupação maior não é com a estética, mas com a perda da autonomia e independência. É possível ajudar os idosos por meio da psicoterapia, escutando o sofrimento, ajudando na elaboração de perdas e lutos, promovendo sua inserção na sociedade e trabalhando as limitações, a necessidade de conservar a independência, ou seja, sua capacidade de realizar algo com seus próprios meios e sua autonomia, mantendo a capacidade de decisão sobre suas escolhas. Nesse caso, Mucida (2017) defende que o analista precisa saber analisar o que está causando mais sofrimento no sujeito, se é um conflito antigo ou atual, pois é necessário avaliar qual o tipo de caminho o sujeito ainda é capaz de seguir, para que seu esforço psíquico possa ser útil. É necessário, igualmente, propiciar a integração do passado no presente para reforçar a identidade por meio das reminiscências, permitindo ao sujeito idoso recordar o passado relatando fatos e situações alegres ou conflitantes e dar-lhes um significado novo, a partir de uma ressignificação, no sentido de fazer uma releitura daquilo que incomoda, reforçando a identidade e a autoestima. Por isso, a indicação de um sujeito para a análise não tem a ver com a idade cronológica, mas sim à resposta ao que falta no Outro, e, se há algum tipo de sofrimento e sintomas analisáveis. (MUCIDA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender como o desejo é apresentado na velhice, e entender de que forma a psicanálise por meio da prática clínica pode dar um novo significado no processo de envelhecimento para cada sujeito. Assim, ficou evidenciado que, ainda falta por meio da literatura, trabalhos voltados sobre a prática clínica da psicanálise com pessoas idosas. Nesse âmbito, alguns artigos trazem conceitos mais atualizados sobre o trabalho da psicanálise com idosos, considerando que por meio da análise clínica, o sujeito através da associação livre, pode escutar a si mesmo, as suas demandas subjetivas, sendo possível ressignificar e reelaborar suas perdas, frustrações, auxiliando ao idoso reestruturar projetos, reativando e dando um novo olhar ao seu desejo, passando a investir no presente, com a reelaboração do passado. A partir disso, Mucida (2017) descreve bem que a análise não é algo que se compara a prescrição médica. Ela é um dispositivo aberto a todos os sujeitos que estão em sofrimento e desejam ter um saber sobre esse processo. Essa oferta de tratamento do real, indo em contramão do que o mercado global oferece, toca o que há de mais particular de cada sujeito, criando uma outra espécie de demanda no desejo.

Portanto, a partir disso, percebe-se a necessidade de ter mais profissionais voltados para essa clínica do cuidado e da escuta desse sujeito que está em constante transformação fisiológica, psíquica e social. Nesse sentido, a sociedade precisa discutir mais sobre o processo de envelhecimento, buscando compreender que a subjetividade humana não envelhece e que deseja, mas que constantemente vem sendo censurada pelos estigmas da idade e pela primazia cultural da juventude. Vários são os desafios que devem ser enfrentados decorrentes do envelhecimento populacional. Um dos maiores desafios é o entendimento desse processo. Essa compreensão se modifica com as culturas de cada país e região. É necessário encontrar a melhor forma de se definir e viver a velhice. Cada sujeito tem a sua singularidade e forma de se reconhecer no mundo. Não adianta apenas a sociedade entender essa fase da vida se o sujeito não se compreender na velhice. É essencial que mais profissionais realizem pesquisas e trabalhos que se proponham a analisar a construção da velhice tanto no âmbito social, como cultural. Ao abordar a velhice sob um olhar da psicanálise, é de extrema importância identificar qual é o lugar atualmente ocupado pelas pessoas idosas no contexto social, sem perder de vista sua relação com o desejo. O principal desafio da sociedade brasileira concentra-se no reconhecimento da pessoa idosa como sujeito ativo de inclusão social, portador de direitos dentro do processo de cidadania e merecedor da dignidade humana.

É preciso olhar o envelhecimento sob um outro aspecto, é uma grande desafio, mas também um triunfo para a humanidade. É preciso associar a velhice à vida e não a morte. Segundo Beauvoir (1990) “vida é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar”. No Brasil, ainda há pouca literatura e estudo voltada à clínica analítica com pessoas idosas. Um dos motivos, pode ser as questões colocadas por Freud e Firenczi de que na velhice as defesas estariam mais arraigadas, não havendo tempo hábil para as ressignificações e mudanças subjetivas. As leituras realizadas nesse trabalho, deixam claro que os profissionais que cuidam das pessoas idosas, devem estar atentos para a importância de um trabalho multidisciplinar, integrado e flexível. Devem despir-se do preconceito e afinar a escuta, para perceber as necessidades reais e simbólicas do indivíduo que envelhece. Lembrando que as perdas começam antes da velhice, deve-se incentivar e promover as redes de apoio familiares e comunitárias que possibilitem a reabilitação física e mental do idoso, recuperando habilidades e desenvolvimento pessoal. É preciso assegurar a palavra ao idoso, para que ele ocupe o lugar central nesse debate.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. A Velhice. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 4ª impressão.
- BIRMAN J. Futuro de todo nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: Veras RP, organizador. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumarã, UNATI-UERJ; 1995. P.29-48.
- CHERIX K. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. Revista SBPH. 2015;18(1):39-51.
- FREUD, S. História do Movimento Psicanalítico. v. XIV, 1914.
- FREUD, S. O inconsciente, 1915.
- FREUD. S. Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: v.VII, p.263. 1906.
- GOLDFARB, D.C. Corpo, Tempo e Envelhecimento. Casa do Psicólogo, São Paulo, 1998. <https://www.geracoes.org.br/corpo-tempo-e-envelhecimento> acesso em 05/07/2021
- HERVY, Marie-Pierre. Le vieillissement: de quel est-ce l' affaire? In: Le vieillissement. 2001, p.24. file:///C:/Users/gabriela.souza/Downloads/CPSY_024_0023.pdf
- INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação, 2018. Acesso em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- JERUSALINSKY, Alfredo. Psicologia do Envelhecimento. Correio da APOA. Porto Alegre, n. 42, dezembro, 1996.
- KAUFMANN, P. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.118, 1996.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e Velhice. 2ed.rev. – 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde de 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> . Último acesso: julho de 2021.
- RIBEIRO, M.A.C. A Neurose Obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.108, 2003.
- ROSA, C.M. e VIHENA de J. O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(2): 9-19, agosto, 2016.
- SANTOS, et al. Abordagens da psicanálise no atendimento ao idoso: uma revisão integrativa. Ver. Bras. Geriatria. Gerontol., Rio de Janeiro. 2018; 21 (6) : 767-77.
- VERDON, B. Le vieillissement psychique. Paris: PUF, 2013
- VIORST, J. Perdas Necessárias. Melhoramentos. 6 ed., 1988.